

The Project Gutenberg eBook of Jaime de Magalhães Lima, by José Agostinho

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.net

Title: Jaime de Magalhães Lima

Author: José Agostinho

Release Date: January 3, 2009 [EBook #27689]

Language: Portuguese

Character set encoding: ISO-8859-1

*** START OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK JAIME DE MAGALHÃES LIMA ***

Produced by Pedro Saborano. A partir da digitalização disponibilizada pela bibRIA.

OS NOSSOS ESCRITORES

VI

JAIME de MAGALHÃES LIMA

POR

JOSÉ AGOSTINHO



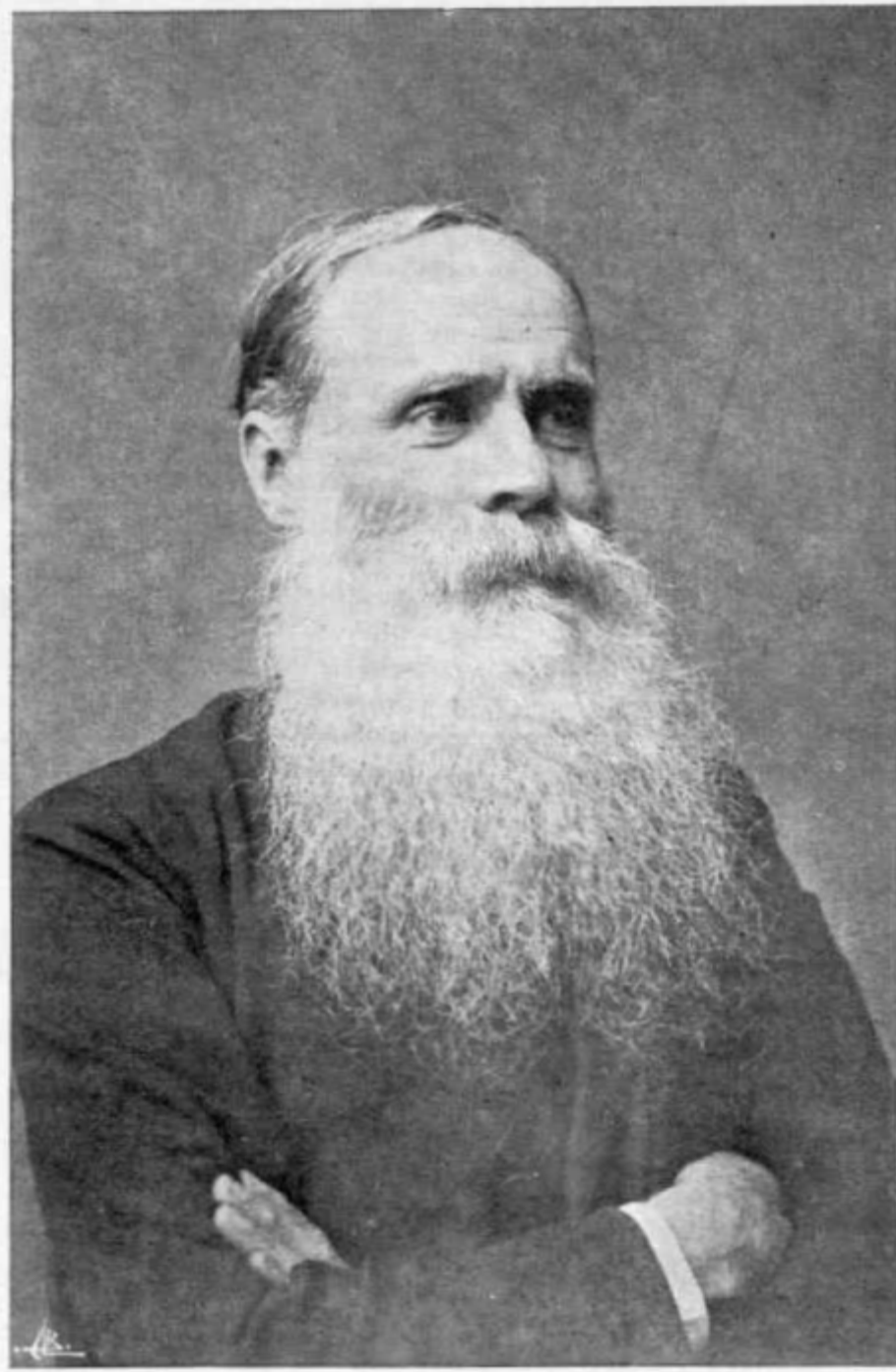
CASA EDITORA
DE
ANTONIO FIGUEIRINHAS
1911

Deposito Geral:
LIVRARIA PORTUENSE, de
Lopes & C.^a Suc.^{or}
119, Rua do Almada, 123
PORTO

OS NOSSOS ESCRITORES

VI

Comp. e imp.—Typ. Universal
de Figueirinhas & C.^a
Rua das Oliveiras, 75—Porto



Jaime de Magalhães Lima

OS NOSSOS ESCRITORES

JAIME de MAGALHÃES LIMA

POR

JOSÉ AGOSTINHO



CASA EDITORA
DE
ANTONIO FIGUEIRINHAS
1911

Deposito Geral:
LIVRARIA PORTUENSE, de
Lopes & C.^a Suc.^{or}
119, Rua do Almada, 123
PORTO

SUMARIO

Uma monstrosidade do Passado—A Meza Censória—Torquemada e Escobar—A critica com o constitucionalismo—Como a Meza Censoria persiste—A hypocrisia—Que critica a Republica recebe das mãos da Monarquia—O que ela é, em geral—Como ha de haver Arte livre?—Como ha de haver escritores e editores?—Os unicos trabalhadores livres—O faciosismo na politica e nas letras—José Caldas e Joaquim Costa—Emilio Littré e Augusto Comte—Madame Comte e Clotilde de Vaux—Uma liberdade que a Republica tem de conquistar—O heroismo português—Trabalhadores independentes—Verdades sobre Garrett—Verdadeiros livres-pensadores—Camilo, Inacio Pizarro, Pedro de Lima, Jorge Artur, Hamilton, J. A. Vieira, S. Dias, A. da Costa, A. T. da Silva Leitão e Castro, P. da Cunha, J. de Lemos, A. da Conceição, Guilherme d'Azevedo—Os Magalhães Lima—O dr. Sebastião de Magalhães Lima—Jaime Lima e o seu refugio—A sua vida moral e mental—Ideias de Malebranche, Pascal, Moutesquieu, Guyau, Amiel e Fouillé—Constant Martha e Lucrecio e Epicuro—Jesus-Cristo e Tolstoi—A Terra—Impopularidade voluntaria—Heroismo perfeito—Filósofo na poesia, sociólogo no romance, pensador na crítica—*Apostolos da Terra*—Amostras de estilo—*Via Redentora*—*Vozes do meu lar*—Um belo excerto—Eduardo Schuré—Defeitos—Melchior de Vogüé—O que seria desejavel na obra de J. de M. Lima—O romancista—Superioridade notavel—Julio Dinis e Camilo—A unica lei duravel da estetica positivista—Uma animação de Lessing—Lessing e Winchermann—A influencia de Platão e do pintor Oeser—J. de M. Lima e Balzac, Victor Hugo, Flaubert e Tolstoi—Eça de Queiroz e Julio Dinis—O romance *Na paz do Senhor*—Qualidades excelentes—Nem Pangloss nem Baudelaire—Tipos verdadeiros—Os romances *No Reino da Saudade* e *Sonho de Perfeição*—Verdadeiros modelos—O critico—*Menor e servo S. Francisco d'Assis*—

Esquecimento das obras de Prudenzano e Pardo Bazan—Guerra Junqueiro—Leonardo Coimbra—Superioridade de J. M. de Lima—*Alexandre Herculano e José Estevão*—Nem Planche nem Sainte-Beuve—Balzac e Werdet—Alfredo de Vigny—José Estevão, Danton, Robespierre, Lamartine e Mirabeau—Fernandes Tomás e A. José d'Almeida—A conclusão dum belo livro—Serenidade nos processos criticos—Porque destacamos a figura de J. de Magalhães Lima.

[7]

Uma das monstruosidades do passado, e ainda com predominio no presente, é a escravidão da consciencia. Horror e vergonha da Humanidade, foi Meza Censoria, depois de ser cátedra e pulpito, fogueira e pôtro, fôrca e anátema.

Julgou sempre sem autoridade de juís, porque foi sempre verdugo. Nunca pôde ser lei pura, porque foi sempre suplicio e ignominia, patibulo.

Para cometer o seu crime com prestígio, com absolvição plena dos seus rancores, abrigou-se em todos os refugios sagrados e vestiu todas as túnicas luminosas: a túnica de Jesus-Cristo, a pretexta de Catão, o manto de Sócrates.

Tudo lhe serviu para armadura, escudo, auréola e máscara.

Entre nós, como em toda a Europa, esse monstro alapardou-se na rigidês da ortodoxia intolerante que apedrejou Fénelon, e mordeu o calcanhar branco de S. Francisco d'Assis. Deu a Torquemada o báculo do pescador Pedro e a Escobar o principado de S. Francisco Xavier. Ululou, queimou, deturpou, assolou, enxertando a alma negra de Atila na haste aromal do Evangelho, voz e guia da Humanidade em jornada.

[8]

Veio, entretanto, a Liberdade no constitucionalismo. Como vitoria? Infelizmente mais como vingança do que como evolução. As verdadeiras vitorias não se vingam: destróem, mas construindo. A liberdade do constitucionalismo foi principalmente represalia e assim a velha intolerancia não se extinguiu: deslocou-se, dissimulada, cavilosa.

Extinguiram a Meza Censoria? Decerto, mas não se extinguiu o espirito do faciosismo, meza censoria latente e multipla que perpetra os mesmos crimes contra a liberdade do pensamento e do sentimento.

O regimen constitucional opôs á intolerancia a intolerancia, ao odio o odio, ao despotismo sanguinolento, odioso em suplicios fisicos, a tirania da opinião preconceituosa sobre todo o trabalho mental.

E esta com um involucro repugnante: a hipocrisia. Todos são livres de opinião! clamaram os caudilhos de Mousinho da Silveira. Entretanto, quem ficáva deveras livre era só a opinião dos dirigentes do regimen.

Divergir corajosamente dela era o escandalo. Se a obra intelètual não ficava suprimida de direito, ficava-o de facto, tão excomungada, tão deprimida, que ninguem a lia.

[9]

Esta tirania mental e moral criou entre nós a critica, como da Monarquia a acaba de receber a joven Republica.

Os atuais governantes já a devem ter lobrigado no seu antro, onde esperamos que a hão de sanear. Diz-se liberal e é absolutista. Diz-se justiceira e é pessoalista e setaria. Apregôa independencia, e acarinha apenas vaidades individuais. Guia-se pela influencia dos habilidosos e audazes. Flagela os cabotinos e, afinal, para alcandorar muitos deles, ou desdenha dos honestos, ou beneficia estes com epítetos de misericordia, que são afrontas flagrantes, ignobeis.

Não tem, não póde ter, meios termos: ou turibulo ou chicote. Não arranca das trevas um desconhecido de merito, mas arraza de lentejoilas muitos nulos.

E, entretanto, todos se queixam de que a nossa literatura e a nossa arte tombam em decadencia.

Mas, porque não, se Portugal se tem regido sempre pela peor tirania, pela adulteração da Liberdade?

Como querem Arte livre sem critica livre? Como querem os escritores e os editores que o publico leia, se os poucos não analfabetos do país, em vez de lêrem *tudo para discutir tudo*, ainda têm diante dos olhos o seu *Index* conforme o partidatismo apaixonado que os domina? [10]

Quem ha de trabalhar num *meio* assim? O verdadeiro trabalhador? Mas esse não procura nunca os criticos vulgares. Procurá-los é confessar baixaza, é ter até de oferecer deprimidamente jantares ou ceias, ou joias, a troco de elogios, é renegar implicitamente toda a ciencia e filosofia moderna, toda a razão e toda a fé e sentimento; é aceitar um qualquer partidatismo intolerante; é pôr a Arte debaixo da tutela de qualquer efemero fetiche; é condenar-se a ser escravo do erro, se ele domina, ou da paixão se ela triunfa.

Ficam, pois, só vitoriosos e livres os maus trabalhadores, os que não têm sinceridade, os que não têm principios.

Em vão a Ciencia e a Razão lhes dizem que a Republica, por exemplo, em todas as suas demolições é compativel com todos os grandes principios, até com os dum elevado espiritualismo; que se póde ser cristão e ser democrata, obrigando o Estado a separar-se da Igreja dentro da justiça pura; clamando ao atual governo que não páre, que êrga o verdadeiro edificio da liberdade, que vá, pouco a pouco, demolindo e construindo, dando golpes energicos á Burguezia da agiotagem e erguendo os humildes, o Povo, dentro da consciencia desoprimida.

Eles não ouvem, nem pódem ouvir, tanto na vida politica como na vida artistica. Convém-lhes perturbar. Merece-lhes todo o apoio o Capitalismo que exploram. O que os preocupa é vencer depressa. Nunca é um ideal, porque este, quando sincero, é feito de toda a justiça, dentro de toda a austera tolerancia. O que os atrai é a popularidade e ela, embora mais tarde por vezes de nada sirva, lisongeia agora o amor-proprio de quem nem possui talento nem caráter, de quem não é democrata se não para poder ser plutocrata. [11]

E estes séticos de hontem e acomodaticios de hoje é que fazem a Critica contemporanea, raras vezes digna. Vemos que elogia ignobilmente, e incondicionalmente, só o correligionario, ás vêses de ha minutos, ou só o que é audaz no pedir, ou só o que é habil no grangeio de amizades entre plumitivos, ou o que, algumas vezes, encontra a peso de oiro uma trombeta passiva e estrepitosa a aturdir a opinião, os ingenuos, os simples e, emfim, por contagio, os proprios cultos e inteligentes!

Onde está, pois, o lugar dos grandes e verdadeiros trabalhadores?

Raras vezes aparece. Para o corajoso e liberrimo cristianismo de José Caldas Ihe não negar a primasia de democrata, foi preciso que a Republica tivesse dado o exemplo da sua gloriosa imparcialidade, fazendo, do grande homem de letras, seu ministro em Roma. Assim, para Joaquim Costa na Espanha, morrendo na velha fé, ter a apoteose admiravel que foi o seu enterro, justiça triunfal a um lutador de sempre, foi preciso que o partido republicano espanhol emudecesse os intolerantes negros e escarlates com a luminosidade e generosidade da obra do extinto, gloria peninsular e mundial. [12]

Mas, que admira, se na França Emilio Littré deprimiu, não ha muitos anos, a progressão moral de Augusto Comte, favorecendo com azedumes e sofismas o odio estreito da Madama que nunca perdoou ao marido o predominio espiritual e as graças angelicas de Clotilde de Vaux? Não se esqueceu então Littré do valor mental de Comte só porque supôs apostasia sétaria o que era progressão psicológica? Poderemos nós ser superiores ao amado *figurino*?

Nada de estranhar é, pois, que tenhamos ainda, não já oficial, mas sempre prepotente, uma perfeita e absurda Meza Censoria.

D'aí esta decadencia mental e moral, toda reflètida na pequenês da Critica.

D'aí um dos grandes problemas da liberdade a conquistar. Talvês a Republica o venha a resolver lentamente, com profundas angustias intimas, tão crueis como as de tantos que, na melhor das intenções, para não excitarem os ódios dos cégos e dos furiosos, aparentam crer que a politica póde impôr a fé ou o ceticismo religioso, a velha ciencia, ora dogmatica ora metafisica no seu materialismo, ou a moderna, essencialmente positivista, sim, mas porque não abre só os olhos da Razão, e dá emfim liberdade scientifica e pura aos do Coração. [13]

*

A boa alma portugûesa, resplandesce de continuo em prodigios de heroismo. E o heroismo em Portugal está em toda a parte. É condição etnica. É atributo de povo celta, beijado de perto pelo mar profundo e carinhoso.

Apezar de a nossa critica ter raras consciencias livres, houve sempre, e ainda ha, trabalhadores intelêtuais que sofrem pelo seu ideal sem transigencia com o flagelo da impopularidade. Nem todos se bandeiam com os favores da opinião desvairada. Nem todos procuram na politica, além dum talher, um carimbo com esplendor de corôa. Ha ainda alguns que não perdoam a Garrett elogiar-se a si proprio nas gazetas, e que, só porque ele foi orador primoroso, homem do mundo, legislador feliz, não vão negar que o *Arco de Santana* é mediocre, que as suas poesias liricas

nunca excedem as de Soares de Passos, Simões Dias e João de Deus, e que, se não fôra o seu destaque político, a beleza lapidar do *Fr. Luis de Sousa*, da *D. Branca*, das *Viagens* e do *Camões*, não teria encantado tanto aquêles mesmos que não viram no feroz Padre Macedo, caceteiro torvo de D. Miguel, o primeiro poeta didático de Portugal e da Península. [14]

Ha muitos ainda que não descem á construção astuta da sua immortalidade, pondo-se á frente de todos os movimentos com probabilidades maiores de vitoria, vestindo -se de apóstolos e de leões, segundo o lance, ora usando óculos de profeta, ora vestindo mantos de senadores com um rochedo de Patmos á mão direita.

Por Deus, que ainda ha, e haverá sempre, em Portugal verdadeiros livres-pensadores e por isso heroicos, sem reclamo na sua abnegação e laboriosidade intrepida.

Anulam-nos? Respondem, trabalhando. Morrem ignorados na liça, ou sistematicamente deslembrados? A sua agonia é um sorriso; a sua resignação ilumina as gerações porvindoiras, e dessa luz vem a mais tarde a justiça inteira.

Assim sucedeu ao próprio Shakespeare, esquecido durante dois seculos. Assim, entre nós, sucedeu ao cronista Brandão que Alexandre Herculano rehabilitou.

Assim foi visto, em plena gloria de Garrett, aquele alto poeta, que Camilo festejou, Inacio Pizarro de Moraes Sarmiento, tão companheiro no olvido—sempre temporario dentro da justiça dos povos—de Pedro de Lima, de Jorge Artur, de Hamilton, de José Augusto Vieira, de Simões Dias, de Antonio da Costa, de Antonio Tomaz da Silva Leitão e Castro, de Pereira da Cunha, de João de Lemos, de Alexandre da Conceição, de Guilherme de Azevedo, e de tantos, por vezes suplantados por homens muito menores. [15]

E, atualmente, não sabemos doutro mais elevado de intelêto, mais verdadeiramente pensador e artista, do que Jaime de Magalhães Lima.

Quem é?

Ninguem em Portugal desconhece os Magalhães Lima. Um velho austero e popularissimo em Aveiro usou esse nome, legando-o a dois homens singulares de meritos, a dois irmãos: Sebastião e Jaime.

O primeiro entregou-se á onda do povo, dominando, arrastando por vezes os espiritos com um verbo ora romantico, ora rigido, talvez intolerante, mas talvez no intimo cortado de duvidas profundas. Expandiu-se brilhantemente no jornal, no opusculo, algumas vezes no livro. Galgando as fronteiras, bebeu no estrangeiro as sinteses mais sedutoras e novas, propagou-as com valor, com fé, com tenacidade, deu-se com elas todo á politica, fez-se combate e a seguir meditação para voltar a ser luta, ora quebrantada de melancolia, ora amargurada de deceções.

É evidente que esse homem teve logicamente a popularidade que, afinal, nunca mendigou. Não a evitou, embora não a suplicando. Não a desamou, embora pedindo-lhe por vezes ou mais justiça ou mais cordura. [16]

Jaime ficou no seu lar e no seu jardim, ao pé das suas flores e das suas brumas. Como? Egoistamente? Fruindo a fortuna, o prestígio paterno, o renome do irmão, o livre amor da Arte? Responde por nós Sebastião de Magalhães Lima, numa tarde melancólica, nevoenta como uma utopia, dentro do seu pequenino gabinete da *Vanguarda*:

—Quem me dera ter a elevação mental e moral de meu irmão Jaime!

Eis uma definição alta e independente, digna como a Justiça sem mácula.

Jaime de Magalhães Lima refugiava-se: não fugia da luta. Do refúgio, fez o estudo; fez a consciência. Leu ali tudo, ouviu todos, e depois ouviu-se a si mesmo dentro de toda a liberdade. Tutela mental não a aceitou a ninguém; se a procurou mais tarde, foi porque a encontrou no caminho como voz de consciência alheia que concorda com a nossa.

Não se esqueceu da frase de Malebranche: Todos pretendem ter razão, ao seguirem afinal as sugestões dos seus sentidos. Compreendeu cedo aquele perigo que apontou Pascal no império do amor-próprio, império que significa o maior ódio à verdade, e viu, com o mesmo grande homem, que o princípio da moral é esforçarmo-nos sempre por pensar bem. [17]

Como literato, afêz-se a ver a crítica pelos canones suaves de Montesquieu, mais tarde ampliados por Guyau e, entretanto, a sua alma lavada avistava, e logo palpava, sem tortura, por livre intuição do fundo da sua Arte, as verdades de Amiel quanto ao *ideal* e ao *real*, quanto ao ceticismo, pai seguro da tirania, por mais que êle prêgue a liberdade. Encontrou tão luminosos limites à teoria da *superioridade da ação sobre o sonho* do referido Guyau, valetudinário antes dos 30 anos, e morto aos 34, todo impelido sempre mentalmente pelo espírito de Fouillée, como ensanchas generosas para a delicadeza de Constant Martha, esse homem estranho que chegou a provar a religiosidade do poeta Lucrecio e do próprio Epicuro.

Nesta liberdade sã viu Jesus-Cristo no libertarismo genial de Tolstoi. Compreendeu que, assim como a arte da Grécia é um alento na mais larga vida da civilização cristã, assim a arte devida ao cristianismo palpita na sociedade futura, trazendo já a vitória do espiritualismo nas lucubrações livremente experimentais da Ciência.

Entretanto, o seu refúgio não lhe fêz esquecer a Terra, *meio* indestrutível das manifestações da sua alma, e amou-a, e cantou-a, e não lhe negou um culto sadio e amável.

Mas tudo isto não rogando favores do público, nem os da bolsa nem os da fama. [18]

Resignando-se com a relativa impopularidade duma obra profunda, independente de faciosismos, livre de conveniências estreitas. Não procurando o plumitivo hiperbólico, o correligionário maleável, o agitador apoteótico, o reclamo do amigo, a fúria do inimigo, o escândalo do indiferente, nada do que atrai atenções, do que provoca discussões, do que escalda temperamentos.

Tudo isto como um regato no ruído dos passos, embora como um grande rio no poder de corrente. Tudo isto numa maneira silenciosa, ainda que penetrante, como os bons aromas.

E, nisto, vindo as cãs, e com elas a pureza maior, a elevação da filosofia esotérica, a radiância da arte, a paz perfeita do coração, a santidade e maior verdade da palavra, não veio a popularidade.

Não admira. Ilogico seria o contrario. Tolstoi precisou de escandalizar a Europa, embora involuntariamente, para se reconhecer como era um genio moral e mental. Jaime de Magalhães Lima, avisado pelo exemplo do Mestre do Caucaso, não pôde ser precipitado na justiça pelo escândalo involuntario sequer. A sua modestia, verdadeira a ponto de ser excessiva, até desse destaque o afasta. Facilmente se vê quanto ha de heroico na virtude perfeita, e o notavel escritor é dos poucos que ao talento superior junta a virtude sincera.

[19]

*

Jaime de Magalhães Lima, com aquelas barbas de neve, com o olhar plácido e franco dum velho cristão, vegetariano, simples em todos os habitos, é um poeta-filosofo, um romancista-sociologo e um critico-pensador.

Como poeta, não escolhe o verso: maneja com fulgor e nitidez uma prosa opulenta e, ao mesmo tempo, substancial. A sua poesia é a sua fé no maior amor de todos. Combativa? Sempre, mas porque é inabalavelmente tolerante. A combatividade raivosa denuncia ou doença da alma ou enfermidade pessima do caráter. Jaime de Magalhães Lima tem a saude perfeita e tranquila no corpo e na consciencia.

Quais os seus poemas? Abram os: *Apostolos da Terra*. É um rosario de melodias doces e profundas á Natureza. Em cada melodia a emergencia numa verdade, por véses tão heroica que é a confissão numa culpa, só insignificante aos olhos dos nulos. Mas isto numa enorme e solida ciencia, como numa erudição rara. Isto, com um estilo original e sincero, vernáculo e vivo, como o atestam as seguintes rápidas amostras.

Na *Sede de Brancura*: «Tem sede de brancura a nossa alma, de brancura que corra como o sangue e seja casta como a madrugada.

[20]

A neve, o diamante, aguas e nuvens são brancas, mas de balde lhes pedimos que palpitem e ministrem comunhão na translucida essencia do seu brilho.

Desliga-as do bater dos corações numa calma frieza sem piedade, como se fôsem estranhas ao seu ritmo, ou passassem de longe, ignorando a constante agitação d'amor que os faz pulsar».

Na *Irmã do Mar*: «Misterio!... É bem salgado o mar e a seara é doce. Encerra o trigo a esperança de crescer, o latejar do sangue e do calor que alimenta a beleza a mais gracil e a consciencia austera e redentora na profunda expressão do seu poder. É corrosivo o mar e, destruindo, nem ás pedras perdôa, desunindo a liga cristalina que se fês na pureza sublimada d'altos fôgos. E vivem ambos, a seára e o mar, na eterna agitação do seu aneio!... Quem sabe?! Talvez sôfram ou se exaltem no

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

